

ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS EM SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL

WRITING AND REWRITING OF TEXTS IN CLASSROOM IN THE ELEMENTARY SCHOOL

Cícera Janaína Rodrigues Lima¹

Resumo: Desde cedo somos expostos aos mais variados tipos de gêneros discursivos, sejam os primários ou secundários, orais ou escritos, tais gêneros são responsáveis pela interação nas relações sociais. A escrita, em alguns casos, sempre teve um estudo mais aprofundado nos contextos educacionais, até hoje algumas pessoas acreditam que a escrita é superior a oralidade. Na sala de aula, principalmente nas aulas de Português, o aspecto escrito da língua sempre foi muito valorizado, porém a escrita de gêneros pelos alunos, está longe de ser o ideal, para o contexto do ensino de língua materna. É importante compreender a escrita e a reescrita como um processo de interação que, por sua vez, envolve inúmeros sujeitos que desenvolvem papéis sociais específicos. A escrita de texto é muito discutida tanto no universo acadêmico quanto na educação básica, porém notamos uma falta de discussão mais efetiva no que se refere a reescrita de textos em sala de aula. Seguindo a perspectiva dialógica, o presente artigo tem como finalidade investigar como acontece a reescrita em sala de aula e os papéis dos alunos e professores que são envolvidos nessa atividade. Este artigo realiza uma pesquisa de cunho descritiva e exploratória, uma vez que buscou investigar como acontece o diálogo entre professor e aluno no processo de reescrita de gêneros discursivos em sala de aula do ensino fundamental, através de observações realizadas tanto com os alunos quanto com os professores. Para a composição da bibliografia, foram utilizados autores que dialogam sobre a temática relacionadas ao gênero discursivo e o contexto da escrita e reescrita em sala de aula: Bakhtin (2016), Coelho e Palomanes (2016), Geraldi (2012), Passarelli (2012), Riolfi et al. (2012) e Gomes-Santos et al. (2010). Esta pesquisa busca contribuir de maneira significativa para a compreensão e sistematização das produções escritas em sala de aula.

Palavras-chave: Escrita; Reescrita; Correção.

Abstract: Since early we are exposed to the more diversified kind of discursive genres, be the primary or secondary, orals or writings, these genres are responsible for the interaction in the social relation. The writing in same cases ever has a study more detailed in the pedagogical contexts, recently a few peoples believe that the writing is better than the orality. In the classroom, especially in the class of Portuguese language, the writing aspect of the language always was valued, but the writing of genres by students, is far away of the ideal, to the teaching of Portuguese language context. It's important to understand the writing and the rewriting as a process of interaction that, on the other hand, it involves countless subjects that develop specific social roles. The writing of text is very discussed as much in academic universe as basic education, however we note a deficiency of discussion more effective about the writing of texts in classroom. Following a dialogical perspective, this paper has as purpose investigate how occur the writing in the classroom and the roles of the students and teachers that are involved in this activity. This article realize a descriptive and exploratory research, once that investigate how occur the dialogue between teacher and student in the process of rewriting of discursive genres in the classroom in elementary school, from classroom observations realized as much with students as teachers. For the composition of the bibliography were utilized authors that dialogue about the thematic related to the discursive genre and the context of the writing and rewriting in the classroom: Bakhtin (2016), Coelho and Palomanes (2016), Geraldi (2012), Passarelli (2012), Riolfi et al. (2012) and Gomes-Santos et al. (2010). This research

¹ Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora temporária e coordenadora do Curso de Letras, do *Campus* Missão Velha, da Universidade Regional do Cariri (URCA).

looking for contributes significantly to the comprehension and systematization of the writing Productions in classroom.

Keywords: Writing; Rewriting; Correction.

1 Introdução

A escrita é uma atividade constante nas sociedades que são grafocêntricas, uma vez que a maioria das ações que são realizadas no seu dia a dia necessariamente precisa da escrita para existir. De acordo com Ribeiro (2018), desde muito cedo o homem sentiu a necessidade de se comunicar, inicialmente através de gestos e balbucios, e em seguida pelo registro de sua fala através de pinturas nas paredes das cavernas. O fato é que o ser humano produz sentidos através da escrita desde muito tempo, demonstrando assim uma necessidade de registrar seu cotidiano, seus rituais, crenças e outras atividades sociais.

No nosso dia a dia, somos envoltos por uma camada de textos que circulam em uma velocidade enorme, e são definidos por Bakhtin (2016), em gêneros primários, ou seja, aqueles que acontecem em situações menos complexas como por exemplo: o bilhete, a carta, o diálogo cotidiano entre outros; e os secundários, aqueles que circulam em situações mais complexas pela sociedade como: os romances, o teatro, palestras entre outros.

Estamos sempre envoltos de inúmeros gêneros que circulam socialmente e o ambiente escolar, apesar de apresentar uma escolha sistemática e de uma didatização de alguns gêneros que os alunos já dominam, também é um lugar permeado de interações sócio discursivas que são embasadas em inúmeros gêneros discursivos.

O grande questionamento dos gêneros em sala de aula é relacionado a como eles são escritos e reescritos. A prática da escrita de textos pelos alunos é bastante discutida tanto no universo acadêmico quanto nas escolas de ensino básico, uma vez que se propaga uma grande valorização ao universo escrito, é possível notar essa questão através do tratamento dado aos gêneros orais em relação aos escritos.

De acordo com Geraldi (2012), é necessário compreender a língua como um meio de interação entre os homens. Diante de tal afirmativa apresentada pelo o autor citado podemos nos direcionar para a concepção de linguagem apresentado pelo círculo de Bakhtin. O círculo compreende a linguagem como um processo dialógico, onde os sujeitos interagem através da linguagem como participante ativo do processo de interação.

Seguindo a perspectiva dialógica apresentada no texto o presente artigo tem como finalidade: Discutir como acontece investigar como acontece a reescrita em sala de aula e os papéis dos alunos e professores que são envolvidos nessa atividade.

A pesquisa é de cunho descritiva e exploratória uma vez que buscou investigar como acontece a reescrita de gêneros textuais em sala de aula do ensino fundamental de uma escola da cidade de Missão Velha/CE, através de observações, a bibliográfica utilizada como referência foram as seguintes: Bakhtin (2016), que trata das questões dos gêneros discursivos, Passarelli (2012) que traça um panorama da escrita para a reescrita, Geraldi (2012) que aborda questão de textos em sala de aula e entre outros que versam sobre o assunto.

O presente artigo foi dividido em três seções: A primeira versa sobre a escrita dos gêneros textuais em sala de aula e o papel dos interlocutores no processo de escrita; a segunda apresenta a reescrita de textos e o diálogo entre professores e alunos; por fim, na terceira se apresenta a os resultados e discussões.

A pesquisa busca contribuir de maneira significativa para a compreensão e uma melhor sistematização das produções escritas em sala de aula de forma que os alunos e os professores se percebam como sujeitos ativos e sociais das produções escritas.

2 Escrita em sala de aula

Na década de 1980, inicia-se uma ruptura com paradigmas no ensino de língua materna, pois até o presente momento a preocupação das aulas de língua portuguesa eram em ensinar gramática normativa com a finalidade de que os alunos lessem e escrevessem bem, não levando em conta a interação, os discursos produzidos pelos alunos e o contexto, tratando a língua como um sistema abstrato.

De acordo com Bakhtin (2016), todos os campos em que se encontra a presença humana são permeados pelo uso da linguagem, sendo realizados através dos gêneros orais ou escritos. O mesmo autor define os gêneros primários sendo aqueles da comunicação imediata em que os sujeitos interagem em tempo real, já os secundários surgem em um convívio cultural mais complexo.

Apontamos aqui a competência discursiva que deve ser um dos pilares para o ensino de língua materna, tendo em vista que somos sujeitos sociais e que participamos

ativamente da sociedade através do uso da linguagem. A interação pode acontecer tanto pelos gêneros orais como escritos.

O processo de escrita envolve quatro pontos, que são indispensáveis para a construção de um bom texto, a saber : o primeiro é o planejamento, em que o aluno deve, de forma mais sistemática possível, estabelecer metas e objetivos para traçar o panorama do seu texto.

O segundo ponto é a escrita na qual o planejamento será efetivado, podendo o aluno fazer novas escolhas, o terceiro ponto é a correção, em que o professor deve sugerir novas orientações, e a quarta que é a reescrita e a pesquisa de novas possibilidades para acrescentar novas ideias ao texto pelo aluno.

De acordo com Geraldi (2012), as redações escolares tem sido um martírio tanto para o professor quanto para o aluno, uma vez que os temas são repetitivos e os professores se voltam apenas para aspectos gramaticais. Além desses fatores, Geraldi (2012), também aponta que na maioria dos casos o professor é o único interlocutor, criando assim uma situação artificial, já que o texto será lido para uma única pessoa.

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal-talvez o único-leitor da redação. Ciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota.). Mais precisamente, fará a redação com base na imagem que cria do “gosto” e da visão de língua do professor. *Serviço à lacarte* (GERALDI, 2013, p. 120).

Britto (2012) aponta que dentro da escrita ocorre a identificação de diferentes tipos de interlocutores, podendo ser esses interlocutores precisos, definidos dependendo do gênero e sua função social.

Assim, o papel da escola é criar situações que proporcionem um contexto situado para o ensino de produção textual. Moretto (2013, p. 89) afirma que “É importante criar situações em que os interlocutores sejam conhecidos, delimitados, para que os alunos tenham uma visão de quem é seu leitor, evitando-se falar unicamente para o professor ou não saber a quem se falar”. O planejamento da produção de textual na escola, nesse caso, deve criar mecanismos e estratégias para que os alunos compreendam o seu papel social, seus campos de interação e as formas e funções que os textos podem ganhar nos campos sociais. Dessa forma, o texto não é produto acabado, é, na realidade, um processo que depende de interlocutores que possam agir de acordo

com as funções que cada um desempenha na organização social relacionada à produção do texto.

Considerando o exposto, o texto mobiliza seus interlocutores, não tendo um único sentido, mas sentidos que são construídos por fatores internos e externos ao texto, por esse motivo, a importância de identificar a esfera de comunicação, o suporte, o propósito comunicativo e a organização de sua circulação. Todos esses elementos afetam diretamente a produção e a compreensão do que será escrito pelos alunos.

Isto posto, a produção de texto é um ato dialógico que tem como finalidade a compreensão. Relacionando com as ideias de Bakhtin e do Círculo, eles apontam que toda palavra é usada para ser ouvida. Por consequência, a produção de texto não pode ficar restrita a uma produção construída em momentos fictícios, ela deve buscar o dialogismo. O discurso não é um “tesouro” a ser guardado e ao qual poucos terão acesso, na realidade, ele busca relação com outros discursos.

Sobre a compreensão do discurso e seu caráter dialógico, Garcez (2010, p. 59) afirma que:

Todo discurso busca ser compreendido, portanto, seja ele formulado em linguagem oral ou escrita, em forma de ficção ou de artigo científico, seu objetivo é estabelecer um elo na cadeia dialógica das relações sócio-histórica. Bakhtin refere-se a enunciações constitutivas do universo social de forma historicamente estabelecida, como é o caso dos textos editados, impressos e postos em circulação: os livros e artigos científicos. Nessas reflexões, elabora o que seria o funcionamento dialógico do texto escrito, que mantém as principais propriedades das réplicas do diálogo verbal argumentativo, pois, estando inserido numa malha sócio- histórica de discursos de várias ordens, estabelece com discursos uma articulação intrínseca.

Assim, o discurso é planejado, organizado e direcionado para o outro. A produção textual não pode ser compreendida como uma construção individual de consciência. Sua necessidade e sua aplicação dependem do outro e das suas relações sociais. Para Geraldi (1997), o texto deve ser percebido e compreendido em sala de aula como uma atividade discursiva e interacional e, por essa razão, “alguém diz algo a alguém” (GERALDI, 1997, p. 83).

Assim, uma das características principais que os textos devem buscar em sala de aula é a responsividade. Nesse sentido, quando se constrói um determinado enunciado, busca-se uma resposta e tem-se uma intenção que, por sua vez, serão determinantes para as escolhas linguísticas, tipos de sequências textuais e a mobilização de inúmeros mecanismos enunciativos. Nesse caso, o papel da escola é desenvolver junto aos alunos

uma produção textual de maneira processual, dialógica, fruto da interação entre sujeitos socialmente situados.

Diante de tal perspectiva, é possível verificar que apesar dos interlocutores não estarem presentes no momento da enunciação, como no caso dos gêneros escritos, se segue uma orientação para atingir o interlocutor pretendido. Porém, nas salas de aula, muitas vezes se perde de vista um interlocutor preciso ao qual os alunos possam interagir, sendo muitas vezes o professor o único interlocutor para todos os gêneros produzidos.

O falante termina seu enunciado para passar a palavra para o outro ou dá lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância de sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante conclui sua fala (BAKHTIN, 2016, p. 2016).

Para Coelho e Palomanes (2016), devemos levar o aluno a perceber a significação social da escrita nos tempos modernos e por sua vez eles devem sentir a necessidade de desenvolver a competência escrita e as outras competências que envolve tal atividade.

Os autores também apontam que o desenvolvimento das competências em escrita poderá ser promovido pelas práticas de planejamento e revisão. As práticas de escrita e revisão não são atividades simples de serem internalizadas e desenvolvidas pelos alunos, pois requerem a construção de momentos sistemáticos e de grande acessória por parte dos professores com os alunos.

Podemos relacionar o que foi citado no parágrafo anterior com as ideias de Passarelli (2012), quando a autora afirma que a escritura não é apenas um processo cognitivo interno, voltado apenas para o sujeito em si; é, além disso, uma resposta às convenções discursivas decorrente de inúmeros processos que envolve criar e comunicar o conhecimento de comunidades específicas. Ainda segundo Passarelli (2012), o indivíduo detém inúmeras habilidades, portanto eles possuem estratégias de produção escrita e ritmo de trabalho.

Riolfi *et al.* (2013) diz que o sujeito, ao escrever, precisa realizar inúmeras ações como: rever, corrigir, retirar as repetições e hesitações. Nesse caso a produção de texto é um trabalho necessário, solitário, persistente e paciente para que o texto não seja um emaranhado de palavras no papel.

Diante dos autores apresentados, a escrita não é apenas uma atividade que envolve aspectos gramaticais ou um processo idealizado. É por sua vez, uma atividade que envolve; situacionalidade, contexto, o linguístico, o social e interlocutores socialmente ativos.

3 Reescrita como ferramenta de aprendizagem significativa

A atividade de escrita de texto deve ser vista como um procedimento sistemático e que requer, pesquisa, planejamento, discussão e principalmente revisão, sendo a revisão uma das partes mais importantes de toda a execução da atividade, uma vez que é, nessa etapa, que se pode reconstruir conceitos, estrutura melhor o texto e reanalisar a própria escrita. Seguindo essa visão, iremos nessa seção apontar alguns conceitos relacionados a reescritas de textos em sala de aula.

A reescrita é uma atividade que segue uma cadeia sistemática anterior. Antes de sua realização, é necessário um planejamento que pressupõe um gênero e um contato do aluno com o mesmo, a escrita que é acompanhada de processos cognitivos, associações, repetições, correção realizada pelo professor até se chegar na reescrita.

Riolfi *et al.* (2013) aponta que é comum na prática de professores levar o texto do aluno para casa, corrigi-lo e devolver ao aluno, pedindo para que os mesmos revejam os erros apontados e, na maioria das vezes, o foco de observação são os aspectos gramaticais, confundindo, dessa maneira, a revisão gramatical com o exercício de recursos linguísticos para que a base do texto seja modificada e que o mesmo ganhe mais significação.

Ainda segundo Riolfi *et al.* (2013), a importância dada aos aspectos gramaticais impede até hoje um trabalho reflexivo com os recursos da língua que possibilitaria o aluno construir uma visão com sistemas de referências, produzindo relações interativas e contextualizadas.

A abordagem do texto em sala de aula deve levar em consideração questões interacionais, sociais e que principalmente os textos dos alunos tenham impacto social, quando se analisa apenas questões gramaticais, os aspectos discursivos e o diálogo com a realidade ficam comprometidos, assim como uma aprendizagem reflexiva dos alunos.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa* (PCNs) (BRASIL, 1998) apontam que no ensino fundamental a reescrita faz parte do processo de escrita

dos textos, que este sempre será um produto de inúmeras versões e que essas atividades de refração do texto devem ser ensinadas e aprendidas.

As orientações curriculares afirmam ainda que separar o momento da produção de texto da reescrita possibilita dois grandes avanços, que são: permite que o aluno se distancie de seu próprio texto, assim o aluno poderá atuar de forma crítica e que o professor forneça as atividades de revisão do texto de forma que o aluno desenvolva habilidades de reflexão.

Os procedimentos de refração começam de maneira externa, pela mediação do professor que elabora os instrumentos e organiza as atividades que permitem aos alunos sair do complexo (o texto), ir ao simples (as questões linguísticas e discursivas que estão sendo estudadas) e retornar ao complexo (o texto). Graças à mediação do professor, os alunos aprendem não só um conjunto de instrumentos linguístico-discursivos, como também técnicas de revisão (rasurar, substituir, desprezar). Por meio dessas práticas mediadas, os alunos se apropriam, progressivamente, das habilidades necessárias à autocorreção (BRASIL, 1998, p. 78).

Coelho e Palomanes (2016) acreditam que promover a reescrita dos textos é essencial, seja essa atividade desenvolvida pelos alunos, sozinhos, em duplas ou em pequenos grupos, para que os mesmos possam se avaliar (autoavaliar), percebendo com essa atividade o que pode ser mudado em suas produções, comparar o seu texto com o dos colegas, questionar o professor e principalmente serem reais autores dos seus escritos.

Quando os alunos são direcionados para uma reescrita mais reflexiva e valorizando o conteúdo semântico-pragmático, os alunos tendem a compreender a real função de reescrever seus textos, valorizando não apenas questões gramaticais, mas sim as relações globais do texto e sua aplicabilidade.

Passarelli (2012) acredita que embora seja fundamental o processo de reescrita com base nas orientações sugeridas e que essa possa trazer inúmeras contribuições para o texto final, tal atividade no processo de produção é mais renegada pelos alunos. Sendo que a maioria dos textos que são passados a limpo são praticamente iguais à versão inicial e não apresentam uma leitura crítica.

Essa tendência dos alunos em rejeitar a atividade de reescrita, na maioria dos casos, acontece pela falta de estímulo em sala de aula ou pela importância que é dada a tal atividade. Quando o foco é apenas a gramática e a forma, os alunos tendem a perceber a reescrita como uma “receita de bolo” e por seguir esse padrão a tendência é que a reescrita seja uma atividade monótona e sem impacto.

Passarelli (2012) é categórica em dizer que a revisão tem como principal função de proceder a leitura do material textual, para que se possa examinar os seguintes aspectos: adequação ao que a língua escrita convencionou, exatidão quanto ao significado, e que se tenha em pauta o leitor, acessibilidade e aceitabilidade. Dessa maneira, utiliza da linguagem como um processo interativo que é socialmente construído e não apenas como um produto acabado e idealizado.

Para Riolfi *et al* (2013), o grande desafio dos professores de Língua Portuguesa é construir leitores de si mesmos, dos próprios escritos, uma vez que hoje ainda não existe, por parte de muitos alunos, uma compreensão de que a escrita é um produto de reflexão e de muito trabalho com a linguagem.

Quando o aluno é levado a refletir sobre o que escreveu, a tendência é que ele desenvolva não só habilidades de leitura, mas também de visão crítica sobre seus próprios escritos e dos seus parceiros em sala de aula e fora dela. Assim temos uma importante fonte de reflexão e análise de textos escritos por seus pares.

Riolfi *et al.* (2013) aponta que a escrita é um movimento no qual as palavras devem ser trabalhadas, frases refeitas, eliminadas até que chegue um momento que o texto final tenha um caráter homogêneo. Na visão dos autores, o aluno deve ser ensinado a escrever e reescrever seus textos, sendo uma responsabilidade em que se constrói reflexão com a linguagem e sobre ela, possibilitando o aluno a reconhecer diferentes modalidades linguísticas e quais usos sociais podem ser realizados com elas. Assim, a autora assumiu a concepção de que é impossível construir qualquer tipo de escrita sem reescrita.

Passarelli (2012) explica que o papel do professor, na revisão dos textos dos alunos, é desenvolver o papel de revisor, uma vez que, ao orientar o aluno a reescrever durante a revisão, também intervém no produto final, sendo que, ao mediar a atividade de reescrita, aponta as dificuldades de competência linguística e fatores de textualidade como a coesão e a coerência, além de outros aspectos.

O papel do professor é dialogar de forma interativa, sistemática e colaborativa com os alunos, não pautando apenas os aspectos gramaticais, mas compreendendo que a gramática normativa é uma das ferramentas que deve ser utilizada e levando a reescrita como uma atividade de refração que deve ser realizada várias vezes.

4 Procedimentos metodológicos

A escola escolhida para a pesquisa foi uma escola rural localizada na cidade de Missão Velha/CE que atende alunos do 1º ao 9º do ensino fundamental. A escola é de tempo integral e atende aproximadamente 160 alunos, para a construção da pesquisa foram observados apenas alunos do 6º e 7º anos que, no total, correspondem a 40 alunos.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico com as teorias que dialogam sobre a temática da pesquisa. Por essa razão, foram escolhidos autores que abordam os gêneros discursivos, a escrita, a reescrita e o ensino de Língua Portuguesa.

O segundo passo foi a observação das aulas de gramática e produção textual ao todo foram observadas 30 aulas, sendo 15 de gramática e 15 de produção textual, durante esse período foi possível identificar os procedimentos metodológicos, a realização da produção escrita dos alunos e a relação do ensino de gramática com o ensino de produção textual.

Além das observações foi possível ter contato com os materiais produzidos pelos alunos em sala de aula. Eles tinham cadernos específicos para a produção textual, além de folhas padronizadas.

As análises foram realizadas através da junção das observações e dos materiais coletados, levando em consideração quais foram os processos metodológicos usados nas salas de aula para a construção da produção dos alunos elencamos os seguintes aspectos para as observações:

- I. Explicação sobre o gênero a ser abordado;
- II. Discussão com o tema da produção entre professores e alunos,
- III. Materiais de suportes usados para construção de repertório;
- IV. Tempo de duração que foi destinado para a realização da produção inicial;
- V. Correções feitas pela professora;
- VI. Reescrita na sala de aula.

Seguindo os procedimentos aqui detalhados, foi possível construir uma breve análise sobre as questões.

5 Resultados e discussão

O artigo em questão tem como problemática: *Como acontece a escrita e reescrita de gêneros discursivos em sala de aula do ensino fundamental?* Seguindo a problemática, foi escolhido o método descritivo e exploratório para o desenvolvimento e construção da pesquisa, uma vez que se buscou descrever e se aproximar da atividade de escrita e principalmente reescrita nas aulas de Língua Portuguesa. A partir dos procedimentos metodológicos adotados, algumas discussões podem ser estabelecidas com os resultados colhidos.

4.1 Observações

No momento inicial da pesquisa foi observado as aulas de Língua Portuguesa do 6º e 7º ano, na escola da pesquisa, são ministradas 6 aulas semanais, sendo dividido em Gramática que corresponde no total 3 aulas e produção textual que corresponde a mais 3.

O professor que ministrava as aulas não era o mesmo, nesse caso, apresenta-se uma divisão não só de conteúdo, mas da de didática e de compreensão global do ensino de língua materna. Diante da divisão das aulas e de professores, os pesquisadores acharam por bem observar as aulas de gramática, para compreender melhor como essa divisão interferia na produção de texto, tendo em vista que a gramática é um dos elementos de composição das produções textuais.

Nas aulas de gramática, eram abordados gêneros que faziam parte dos livros didáticos, ou seja eram contemplados um grupo pequeno de gêneros e a preocupação maior apresentada pela professora eram as questões de gramática normativa e não os aspectos discursivos da linguagem.

Com relação as aulas de produção textual, notamos que a professora abordava outros gêneros que não faziam parte dos livros didáticos, que por sua vez eram escolhidos com base no planejamento mensal realizado pela mesma.

Acreditamos que o ensino de Língua Portuguesa deve levar em conta não apenas questões gramaticais, mas também as habilidades enciclopédicas, os contextos sociais, linguísticos e principalmente interacionais.

Quando se divide gramática e produção de textos durante as aulas de Língua Portuguesa, pode se compreender que são atividades distintas e que não se relacionam. O fato é que tanto uma como a outra estão diretamente relacionadas e que para a sua compreensão efetiva é importante associá-las e compreendê-las como complementares.

4.2 Escrita e reescrita

O processo de produção iniciava com a leitura do texto escolhido pela professora que iria servir de base para a produção dos alunos, depois da leitura a professora dialogava sobre o tema em questão e o que os alunos tinham compreendido do conteúdo, em seguida era apresentado um novo texto com as mesmas características do anterior para que os alunos observassem mais uma vez a estrutura do gênero em questão.

Os textos que eram produzidos em sala de aula quase sempre seguem um rigor metodológico direcionado pelos professores. Os gêneros são apresentados para a turma, em seguida, são lidos um ou dois textos que seguem o mesmo padrão do gênero estudado e, em seguida, é pedido para os alunos produzirem.

Essa produção acontece sem sensibilizar os alunos para o mundo social em que vivem, provavelmente o aluno já teve algum contato com aquele gênero por mais restrito que seja seu meio de circulação, o problema é que o tempo que é determinado para a tarefa de exploração do texto é muito curto e não é dada autonomia para que os alunos pesquisem, leiam e interajam com outros textos que se relacionem diretamente como a produção em questão.

Após a leitura e a discussão em sala de aula, os alunos tinham que escrever em seus cadernos de produções textuais um texto que seguissem o mesmo modelo do apresentado pela professora, após a escrita os cadernos dos alunos eram recolhidos para as possíveis correções.

O tempo de produção dos textos dos alunos não pode ser muito curto, uma vez que a escrita requer planejamento, discussão entre os pares e uma pesquisa, quando se limita a escrita ao universo tão restrito e a tão pouco tempo, os alunos não conseguem planejar ideias que façam com que os seus textos sejam significativos para a sociedade. A produção de texto, quando acontece da maneira descrita, os textos tendem a ser muito limitados e incoerentes.

A escrita também demanda dos alunos que eles tenham repertório e que saibam como escrever e para quem escrever, sendo que em duas aulas o tempo não é suficiente, para que os alunos adquiram repertório suficiente para a sua produção.

Quando a professora terminava a correção da escrita, os alunos recebiam seus cadernos para a reescrita dos textos. Os cadernos apresentavam as correções mais voltadas para aspectos gramaticais do que propriamente sobre o conteúdo abordado no texto.

Quando os alunos iam fazer as correções, eles se voltavam apenas para os aspectos gramaticais que era direcionado pelo professor e já apreciam destacados nos textos, observando assim que os alunos não refletiam sobre os aspectos discursivos que eram necessários corrigir. Esse fato pode ser apontado como uma falta de interação entre o professor e aluno sobre questões voltadas mais para o discurso do texto do que para os aspectos estruturais.

Não queremos dizer, com a afirmativa acima, que os aspectos gramaticais não são importantes. A escrita, dependendo do gênero abordado, deve levar em consideração qual é a variação da linguagem que é mais adequada para a utilização do gênero em questão.

Durante a observação, foi percebido que os professores queriam que os alunos utilizassem a gramática normativa, quando, na verdade, o gênero pedia um grau de informalidade em alguns casos.

Sabemos da realidade do professor brasileiro que ministra inúmeras aulas diárias e que o tempo pedagógico é muito cobrado nas instituições escolares, mas é de grande importância realizar em sala de aula um diálogo em que sejam apontadas e direcionadas questões que devem ser reestruturadas pelos alunos em seus textos.

Essa falta de interação, no que se diz respeito a reescrita dos textos dos alunos, faz com que, na maioria das vezes, os alunos não sejam autônomos nas suas escritas e que carregam durante toda sua vida escolar e fora dela, dificuldades de escrita e revisão dos seus próprios textos. Uma vez que a reescrita é o momento de reorganizar ideias, revisão, replanejamento e de se observar se os objetivos ao qual o texto foi proposto é coerente com que foi escrito.

O processo de reescrita é também um processo de autorreflexão sobre o que se escreve. Devemos perceber o aluno como um aprendiz em formação, pois o seu texto não será o mais bem escrito de uma hora para outra e a escrita e reescrita demanda

tempo e apropriação de inúmeros recursos: cognitivos, instrumentais, de pesquisa e, acima de tudo, da compreensão do que se está fazendo.

Devemos levar em consideração que os alunos que passam pelo processo da escrita são indivíduos que estão adquirindo amadurecimento no que se refere a escrita e a reescrita de textos. Por esse motivo, o professor como sujeito mais maduro da atividade deve dialogar com os educandos, para que possam ir no decorrer de sua trajetória de escrita, compreendendo o seu papel de sujeito construtor e autônomo de seu texto.

Consideração finais

O objetivo do trabalho foi investigar como acontece o diálogo entre professores e alunos no que se relaciona a reescrita de textos em sala de aulas. Diante de tal busca, foi possível notar que a reescrita de texto não é uma atividade solitária e isolada, pelo contrário, é um processo multifacetado que deve ser compreendido como dialógico e não pode ser visto como apenas uma atividade metodológica.

A atividade de escrita é uma ação que permeia as relações sociais constantemente, a maioria das ações em que o homem está inserido passa pela escrita, por esse motivo compreender como a escola encara a produção de texto e principalmente a reescrita é necessário para se construir produtores de textos eficientes.

Para que os alunos sejam eficientes no que se refere a produção textual, é importante perceber a linguagem como uma atividade sócia histórica que é construída com os seus pares e que os significados construídos não podem ser analisados abstratamente, mas enunciativamente.

As produções de textos só podem ser vistas no seu caráter enunciativo quando os sujeitos podem desenvolver habilidades não só de escrita, mas também de leitura, e compreensão global das realidades em que estão situados e leitores dos seus próprios textos, esses aspectos levam os alunos a pensar criticamente e coletivamente.

Quando o ensino de língua portuguesa contempla as bases linguísticas, cognitivas, perceptivas e interativas é possível compreender a reescrita de texto não como uma atividade solitária e isolada, pelo contrário, como uma ação multifacetada que deve ser compreendida como dialógica e assim fugido de seu caráter apenas

metodológica, que não possibilita retorno para os alunos, sendo usadas na maioria das vezes para comprimir tempo pedagógico ou tarefa de uma determinada aula.

Diante do que foi explanado, a reescrita, muitas vezes, é vista apenas como uma atividade que visa a cumprir um protocolo determinado pelos afazeres pedagógico em sala de aula, uma vez que, o foco sempre se volta para a estrutura do texto ou para aspectos de gramática normativos, não levando em consideração as informações e os conteúdos dos textos.

Os textos dos alunos devem ser percebidos como discursos situados que tem finalidade no meio social, só assim será possível construir um ensino de Língua portuguesa mais próximo da realidade dos envolvidos.

Professores e alunos são sujeitos participantes da atividade escrita em sala de aula, por esse motivo, os dois devem dialogar para a construção de texto coerente com a realidade e que possibilite uma autonomia com relação ao educando como produtor de textos escritos, e isso só se tornará possível quando os alunos poderem identificar seu público alvo, o tempo pedagógico para essa atividade seja mais coerente com o gênero estudado e que as correções se voltem para os aspectos discursivos dos textos e não apenas os aspectos gramaticais.

A reescrita do texto em sala de aula, portanto, é uma atividade que deve levar em consideração a pesquisa dos alunos que nesse processo devem ser trabalhados para a conquista de sua autonomia e que as possíveis dificuldades de escrita sejam percebidas como um processo de construção de futuros escritores, já no que se refere aos professores eles devem dominar as concepções de linguagem, para direcionarem as produções dos alunos para questões enunciativas.

Referências

BAKHTIN, Mikhael. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: editora 34, 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclo. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRITTO, L. P. L. Em terra de surdos-mudos* (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares. In: GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012, p. 117-126.

COELHO, Fábio André; PALOMANES Roza (Orgs.). **Ensino de Produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016.

GARCEZ, L. H. C. **A escrita e o outro**: os modos de participação na construção do texto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na Sala de Aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

GERALDI, J. W. **Porto de Passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOMES-SANTOS, S. N. et al. **A contribuição da(s) teoria(s) do texto para o ensino**. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). *Linguística de texto e análise de conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

MORETTO, M. **Produção de texto em sala de aula**: Momento de interação e Diálogo. Jundiaí: Paco Editora: 2013.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. **Ensino e Correção na Produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever Hoje, palavra, imagem e Tecnologias Digitais na Educação**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018.

RIOLFI, Claudia. et al. **Ensino de Língua Portuguesa: Organizado por Ana Maria Pessoa de Carvalho**. São Paulo: Cengagelearning, 2012.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. São Paulo: Globo, 2012.